

Visitou a Comissão de Estudos o Ministro Marcondes Filho — As saudações trocadas — A despedida do Major Antonio José Coelho dos Reis

A primeira vista do Dr. Marcondes Filho à Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais, cujos membros, tendo solicitado dispensa, foram reconduzidos aos seus cargos, coincidiu com a despedida do Major Coelho dos Reis, que ali servira por mais de um ano. A reunião teve um caráter de alta solenidade, sendo assistida por figuras de grande projeção, entre as quais as dos Drs. Rui Carneiro e Paulo Ramos, interventores, respectivamente, dos Estados da Paraíba e Maranhão.

Depois de tomar assento à mesa da presidência, o Sr. Marcondes Filho foi saudado pelo Sr. Junqueira Aires, presidente da Comissão, que pronunciou o seguinte discurso:

Senhor Ministro

Tenho a satisfação de saudar V. Excia. em nome da Comissão de Negócios Estaduais, nesta expressiva oportunidade, quando V. Excia. vem presidi-la e confirmá-la, honrando-a com a sua palavra e a sua presença, que assumem neste instante uma ressonância extraordinária.

Respira V. Excia. um âmbito que sente e conhece e onde ainda reagem influxos e ecos do seu pensamento. E revê um patamar de meditação e maturidade da sua carreira política, trabalhada, ao mesmo tempo, de inquietação e equilíbrio, de ansiedade e expectativa, de sófrega indagação de formas novas e de disciplina, de dúvida filosófica, de crítica e de método, — de escapada espiritual e realismo geométrico.

Esta geração, possuída do demônio das tradições, a mais terrível e heroica sabedoria da vida, que lhe comunica, sem alternativas, humanidade e ternura, abstração e aridez, ferocidade e grandeza, sofreu na sua alma extremidades e dilaceramentos, uma acumulação sobressaltada de fatos e excessos, a rotação de todas as diretrizes, a reversibilidade e a crise dos conceitos. Bate-lhe na testa o compasso sismal do tempo. Por isso mesmo a personalidade de V. Excia., com lampejos contrários, controvérsias e imprevistos, fascina e congrega. Tem contratura e nervosismo. Vee-

mência e descontentamento. Insubmissão e sarcasmo. Mas, de outro lado, agilidade e poder. Precisão e nitidez. Segurança, harmonia e lógica. Como se a sua formação clássica e o hábito do trabalho mental houvessem transmitido ao homem atormentado e angustiado do seu tempo uma expressão realizadora e saudável, menos transitória, contingente, arbitrária, vertiginosa e cruel.

Esta ocasião é sua. O olhar do Presidente Vargas mais uma vez não se enganou. V. Excia. possui o instinto dos fatos em marcha, a percepção sincopada e surda e o sentido do rápido descanso dos acontecimentos, das dissonâncias e das encruzilhadas, nesta era de mutações e de decadência e revisão de valores. Maravilhosa e movimentada. Viva de travo e de sumo. Colorida e escarminha. Cheia de estranhos relentos e fermentado sabor.

O instrumento de unidade nacional e de transformação e esperança que é o decreto-lei n. 1.202, estatutário da nossa organização, teve sempre em V. Excia. um dos seus mais atilados e lúcidos intérpretes. Pertenceu V. Excia., com a galharda elegância, a bravura de análise e a penetração social da sua inteligência adextrada e culta, a esse quadro de ação e governo, — organismo e laboratório, experiência e elaboração, processo, perplexidade e pergunta da vida institucional do país.

Não estamos mais diante de princípios abstratos, de generalizações e formalismos talares. Um novo espírito de espécie, indagador, participante e inquieto, substitue o esplendor das teorias fatigadas.

Vice-presidente do Departamento Administrativo de São Paulo, a figura de V. Excia. nos é familiar, com o seu traço de investigação renovadora e dinâmica e o seu sentimento absoluto e orgânico de pátria total.

Jurista eminente, comercialista emérito, autor da lei de falências, advogado insigne, orador, publicista, sociólogo, homem de estado, mestre da palavra, que cria a vida e ilumina o mundo, — é V. Excia. uma das seguras certezas da cena política brasileira.

FALA O SR. MINISTRO DA JUSTIÇA

O Dr. Marcondes Filho agradeceu a manifestação da C.E.N.E. com o seguinte discurso:

“Constitue, sem dúvida, um grande momento da minha vida pública e uma imerecida condecoração espiritual, a saudação que me foi feita pelo presidente, em nome da Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais, onde teem assento altas e nobres expressões da cultura e da inteligência brasileira. A desproporção entre a fidalguia do elogio e a individualidade serve para demonstrar que no Brasil abre-se, sempre, um largo crédito de animação a quem assume os encargos do poder público. Esta capacidade de incentivo, meio paradoxal, porque ainda aumenta mais as responsabilidades, circundando-as de novas expectativas, é benéfica, entretanto, porque acorda energias que dormitavam no fundo do ser humano, dando ao trabalho intenso como que um agrado de repouso.

Mas, o que sobremodo me anima e sugestiona, neste nosso encontro, é a palavra inquieta com que o presidente de um sereno Tribunal Administrativo recorda em amabilidades problemas que envolvem o drama de uma geração. Essa forma de assertivas profundas, por meio de assinalação do detalhe e de fazer do indivíduo ponto de referência para princípios gerais, com que S. Excia. animou as palavras que acabamos de ouvir, chancela e certifica a impressão que eu formara sobre o desempenho funcional desta egrégia Instância Administrativa. Aquí justamente se decidem problemas locais dos centros urbanos, leis de minúscula jurisdição territorial, um dilúvio de pequeninos decretos municipais, com o pensamento indissolavelmente jungido à totalidade nacional. Tema expressivo para mostrar um processo de atração de partículas, na vitoriosa consolidação do todo orgânico.

Em verdade, certos atos administrativos, praticados com a singela naturalidade do que é cotidiano, podem contar, às vezes, o germe de forças ciclópicas. A inauguração de uma humilde escola pública talvez seja a porta de entrada de um gênio. O visto de um passaporte pode representar o início de uma revolução. O registo de um invento talvez constitua o berço de nova civilização. Os exemplos seriam intermináveis, em louvor do detalhe.

Mas, hoje em dia, há no Brasil um momento de administração pública que eu considero sublime e deve ser assinalado, porque se enquadra no âmbito desta casa. E' quando o modesto prefeito de uma cidade longínqua, escondida no sertão brasileiro, como uma soledade entre florestas, redige o seu projeto de lei.

Dantes, era o fato banal de uma vida de terceiro. Tinha expressão de localidade. Não ia além da divisa do município. Talvez desse forma legal a um capricho, e não errará quem afirme que alguma lei se inspirou em sentimentos de vingança individual.

Hoje, em dia, sabendo que a vigência do decreto depende da autorização do Presidente da República, e que para obtê-la deve obedecer à jurisprudência aquí adotada, o prefeito não se imobiliza mais naqueles acanhados limites da velha e excessiva peculiaridade. Atravessa distâncias que ignorava. Sobrepassa regiões. Divisa outras cidades. E' surpreendido por inúmeras semelhanças municipais. Preocupa-se com a capital da República. Imagina VV. Excias. Escuta as vozes deste recinto. Pensa no Chefe da Nação. Sente-se em pleno Brasil.

E' um instante sublime de administração pública, porque aí está, na sua verdadeira matriz, o sentido mais puro da unidade. Não é mais um pensamento de célula, mas de partícula. E' a vitória do conjunto, que dantes desenhava o país na fragilidade de um mosaico, e agora o transforma na grandeza de um panorama.

Não saberia dizer, senhores, mais simplesmente, e por isto mesmo, mais profundamente, a emotividade com que visito esta admirável oficina administrativa, onde se dá retoque federal às características locais.

Durante dois anos, na qualidade de vice-presidente do Departamento Administrativo do Estado de São Paulo, compreendí, perfeitamente, o êxito do sistema, dentro da realidade brasileira, porque, lá, impregnávamos de pensamento estadual as peculiaridades do município. Era já um passo na evolução político-administrativa. Era a primeira instância da transformação do espírito nacional, mas, exatamente por isso, reverenciávamos a instância superior, compreendendo que também o nosso pensamento era uma relação do pensamento de VV. Excias., em cujas decisões a nossa se integrava.

Bem, por isto, é menos o ministro que aqui comparece no desempenho interino de honrosíssimas funções. Estou como brasileiro, para prestar as homenagens de minha admiração pelo trabalho de VV. Excias., pela força orgânica das deliberações que aqui se tomam e, sobretudo, pelo construtivo desempenho das responsabilidades com que se obrigam a sistematizar a marcha da Nação, sem esquecer e sem ferir o valor intrínseco, o poder de expansão, o formato que cada município tem. Obra de percuciência, que talvez nem mesmo a nossa geração possa avaliar, mas que resplandecerá no futuro, como um Monte de Sinai, na vida do Brasil. Na qualidade de ministro posso, portanto, enriquecer a palavra da autoridade com o entusiasmo do cidadão, afim de assegurar o inabalável propósito que trago de dar a VV. Excias., durante os dias em que o Presidente da República me determine que permaneça na pasta da Justiça e Negócios Interiores, toda a minha cooperação e todo o meu esforço, para coadjuvar o admirável trabalho que aqui se desenvolve, em favor da nacionalidade.

E, se falo no recinto de uma instância superior da Unidade Espiritual, não quero encerrar estas palavras de profundo reconhecimento à gentileza que me dispensaram, sem erguer o pensamento ao supremo animador de todos estes esforços, de todo este trabalho de cristalização e de clarividência política, ao senhor Getulio Vargas, instaurador de uma época e guia de uma geração”.

A SAUDAÇÃO DO SR. GONTIJO DE CARVALHO AO MAJOR COELHO DOS REIS

Em seguida, o Sr. Antonio Gontijo de Carvalho apresentou as homenagens de despedidas da Comissão ao major Coelho dos Reis com as seguintes palavras:

“Junqueira Aires, a bondade que se fez homem, proporcionou-me o prazer inenarrável desse minuto. Sinto que irá refletir na minha palavra o bater dos corações dos vossos amigos desta Casa.

Entristece-nos o afastar do vosso convívio. Mas rejubila-nos o premiar dos vossos méritos. Ufanamo-nos da vossa ascensão.

Sois uma unidade moral. Irrepreensível na vida pública e na vida privada. Católico praticante, devotado à família e extremecido à Pátria, fizestes da trilogia com que Afonso Pena resumiu

no último instante terreno a sua grande vida a diretriz da conduta do homem e do soldado.

Modesto e reservado, nunca alardeastes os vossos méritos, proclamados por todos os que vos conhecem de perto.

Em nossas reuniões, onde tanto tenho aprendido, debatieis, de preferência, assuntos militares. Todavia, os problemas administrativos de outra natureza eram examinados com a mesma irrepreensível vocação de servidor público. Equilíbrio e bom senso, um apanagio dos homens da montanha, denotam os pareceres e votos que aqui proferistes. Carater inteiriço retrata a independência dos vossos julgamentos na Comissão dos Estados e não sei de elogio maior para um homem que exerce funções de ordem judicante.

Filho de uma cidade que é uma encantadora reliquia de Minas Gerais. Cidade soturna que exploradores de esmeraldas fundaram em fins do século dezessete. São João del Rey é terra de musicistas. O berço de Bárbara Heliodora também acalentou aquele esquecido padre José Maria Xavier, que um crítico denominou, pela sublimidade das composições, o abade Perozi do Brasil.

Não está explicada a paixão musical, índice de aguda sensibilidade afetiva do filho ilustre de São João del Rey?

O trato amável com as letras clássicas; a convivência diuturna com a obra de Ruy Barbosa, que foi o ídolo da minha geração e que as atuais desconhecem e maltratam; a intransigência aos princípios que a Igreja Católica defende para a preservação da família e da sociedade, delineiam bem a tendência do vosso claro espírito.

Sois, portanto, pelos hábitos e sentimentos, uma figura representativa da terra montanhosa, que, como acentuava João Pinheiro, é a miniatura da Pátria comum.

Ingente e delicada é a vossa responsabilidade. Ides, sob a orientação do grande Chefe da Nação Brasileira, o ínclito senhor doutor Getulio Vargas, coordenar os rumos da imprensa da nossa terra no momento dramático da sua existência como Nação Soberana. Confiamos na vossa atuação. Em virtude do cargo que desempenhastes no gabinete do senhor ministro da Guerra, pudestes conhecer com segurança problemas vitais da defesa do Brasil. O vosso lema, dissestes-me um dia, é o do insigne Calógeras, o civil de integral vocação militar, cuja

memória cultuais com tanto carinho e fervor, a unidade indestrutível e a eternidade do Brasil. O Brasil há de sobreviver para orgulho e posse dos nossos filhos. Por tão sublime aspiração daremos prazerosamente a nossa vida”.

DISCURSO DO MAJOR COELHO DOS REIS

Despedindo-se da Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais, o major Coelho dos Reis pronunciou o discurso seguinte:

“Emérito ministro Marcondes Filho, meu boníssimo presidente Junqueira Aires, colegas e amigos meus.

Se, nestes últimos dias, cem-dobradas surpresas vingaram, de chofre, transmudar num pronto meu remansado viver, arrancando-me de meu nada para até onde jamais escogitara me alçassem a confiança de meus chefes e o dever de servir; se tudo vejo, de momento, cambiar-se para mim, através de aspectos e cenários imprevisos e inesperados para quem moço, de alma e coração voluntários se adestrara pela caserna para o grande anonimato das fileiras, e à vida de soldado, num tirocínio de já quase cinco lustros se amoldara, uma coisa, todavia, inda mesmo que a conta de presumida me tomeis a confissão, me aventuro a confessar-vos — não me surpreende, em meio a tanta surpresa, a certeza de vossa bondade, a boa sombra de vossa amizade e o carinho destes emboras nesta despedida imprevisível para todos nós.

Nas palavras de vosso intérprete e meu dileto amigo, tão de todos nós estimadas pelo brilho e pela sinceridade, sentimos em cada frase, em cada período, os quilates da inteligência e da cultura de quem as profere, capaz até mesmo do milagre, que aqui testemunhais, de descobrir na pouquidade de quem vos agradece, qualidades e méritos que com sardia inveja em todos vós reconheço e louvo.

Durante mais de ano acostumei-me ao convívio desta Comissão. Nela, e convosco, muito aprendi dos homens e das coisas públicas. Nela, testemunhado com que prazer por mim, ví e sentí homens de pro e de saber engajados beneditamente no trato de questões e problemas novos, ou remocados, da alta e complexa administração pública do país, umas e outros por vós versados com sabedoria e senso, com erudição e equilíbrio, com extremos, sobretudo, de honestidade, isenção e pa-

triotismo, tudo apenas inspirado no ideal de servirdes o país, beneficiardes o regime e facilitardes a todos o meneio das coisas públicas.

Nunca sentí, e com que prazer o confesso, em vossas atividades e no vosso trato diuturno, senão a mira de acertardes, o desejo de serdes uteis e a aspiração de contribuírdes, tendo por guia a razão esclarecida e por bússola segura o apumado de vossas consciências de homens de bem. Viví, entre vós, um ambiente elevado em que, respeitada por todos a personalidade de cada um, as opiniões se entre-chocavam, é certo por vezes em debates acalorados e brilhantes, porem de cujos, entretanto, nunca outro resultado sortia que a boa solução das questões em causa, quando não era possível a óptima, pela contingência intrínseca das imperfeições humanas.

Meus amigos, este, no momento, de vos deixar, meu depoimento e meu louvor. E porque vos estimo com simpleza e com sinceridade; porque muito prezo e admiro vosso labor, de que fui testemunha e, apenas pela assiduidade e interesse, participe também; pela cultura, pelo espírito público que possuis e, sobretudo, pela ritmia com que, soldado, sentí sempre pulsar com o meu, cadenciado e forte, vossos corações de extremados brasileiros, podeis — e nisto tenho jus e credenciais para acreditado — podeis aquilatar da saudade tão boa com que de entre vós me parto, confortado pela certeza de aquí deixar viva e vitalizante uma das mais fecundas células de trabalho nacional que o regime criou para o bem do Brasil.

Antes, porem, de deixar-vos, com meu abraço, deixo, também, sem formalismos verbais, a expressão de minhas escusas, pelas faltas e falhas que haja cometido e que só peço reconheçais como decorrentes de minha insuficiência, nunca, isso não, de minha plena vontade e consentimento.

No novo setor de trabalho com que me distingui a confiança do preclaro estadista que nesta hora amarga e tão grave preside, numa como predestinação de Deus, os destinos do nosso Brasil, espero merecer não só vossa colaboração, vossos conselhos e alvites, como também, deixeis que vos fale aquí meu coração, e conforto e o estímulo de vossa amizade, porquanto, todos vós sabeis de quanto me valerá ela onde quer esteja, visto que, se é verdade às vezes, que o homem é o lobo do homem, também verdade é sempre que nem só de pão vive o homem...”.